

Mais*

BAIRRO BOÊMIO DO CENTRO HISTÓRICO VIRA ALVO DE DISPUTA ENTRE DONOS DE BLOCOS E MORADORES

Fernanda Lima*

REPORTAGEM
fernanda.lima@vedebahia.com.br

Noite de 1970: o Santo Antônio Além do Carmo, um dos bairros mais antigos de Salvador, está completamente tranquilo. A movimentação é restrita ao vai e vem de beatas e aos moradores nas calçadas. Noite de 2019: mesas e cadeiras são organizadas no asfalto. A fila de motoristas causa engarrafamento e o som invade os casarões. Um morador, da sacada, resmunga. Passado e presente confrontam-se em discussões nem sempre harmônicas sobre o futuro da região centenária.

Não mais que cinco mil pessoas vivem ali, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Da janela, Maria Maranhão, 60, artista e figura folclórica dali, descreve: "É um lugar da paz". Completa: "Da paz ameaçada". Ela se refere aos eventos e ao fluxo de visitantes. No início deste ano, já foram três denúncias relacionadas ao barulho no bairro, calculou a Secretaria Municipal de Ordem Pública (Semop) a pedido do CORREIO. Em 2018, em janeiro, houve uma queixa.

Quando, na última segunda-feira, o Bloco De Hoje a 8 (DJHA8) anunciou a possibilidade de não desfilar no pré-Carnaval, como faz desde 2011, descrições como a de Maria pipocaram. "O que o Santo Antônio de fato comporta?", questionaram os organizadores, no Facebook, ao comentar o crescimento do bloco talvez para além da capacidade local. O DJHA8 preferiu não comentar novamente o assunto.

O bloco Harém, logo depois, divulgou o Santo Antônio Harém do Carmo, com desfile pelas ruas do bairro e baile privado numa chácara, mas alguns moradores torceram o nariz. Reclamam entre si nas calçadas e nos grupos de WhatsApp criados para discutir questões locais.

"O uso comercial desse lugar não existe. Aqui não é Barra-Ondina", revolta-se Júlio César, 55, na casa onde mora há 25 anos, diante do surgimento desse "novo Santo Antônio". "Fiz logo um textão na internet: quando os casarões estavam caindo, quem estava aqui?", conta Rodolfo Leite, 29.

Do lado da Diva Produções, do Harém, a justificativa sobre a cobiça pelo Santo Antônio? "Acreditamos que há sinergia entre o público que frequenta os nossos eventos e aquele que frequenta o Carnaval no Carmo. Criamos um evento totalmente alinhado com a proposta local, sempre atendendo aos requisitos legais exigi-



Boemia disputa espaço no bairro charmoso do Centro de Salvador

Folia, cobiça e conflito no Santo Antônio

Polêmica

Moradores reclamam da exposição do bairro e grande demanda de eventos e festas durante o Verão

dos pelo poder público. Promoveremos um desfile democrático, que acontecerá com banda de fanfarra sem cordas, abadás ou cobranças", responde Guiga Sampaio, um dos sócios da produtora.

De porta em porta, as reclamações dividiram os moradores. Uns reclamam, outros defendem a nova fase. Quando chegou ao bairro, em 2002, Valdirene Meira, 44, vivia a tranquilidade das ruas com menos turistas, festas, zoada. "Mas eu gosto do Santo Antônio de 2019, anima... Bom, não sei se a reclamação é por que tem muito idoso. A mim não incomoda", diz a professora. Dos moradores, 11% têm mais de 65 anos, afirma o IBGE.

Tamanho o burburinho, o padre Ronaldo Magalhães, da Igreja de Santo Antônio Além do Carmo, recebeu a missão de conciliar as partes. As festas nas ruas são, agora, assunto santo.

Na próxima terça, moradores e representantes de órgãos públicos estarão na paróquia para debater a situação do bairro. "Que haja harmonia", torce o pároco.

ANTES E DEPOIS

Todos querem o Santo Antônio. Mas, como e por quê? A revitalização do Pelourinho, a partir de 1992, no governo ACM, deveria tornar o Centro Histórico uma vitrine. Naquela década, as praças sediavam grandes shows. No

vizinho Santo Antônio, nenhuma intervenção.

Era um bairro residencial, com poucos bares e padarias. Cria-se um marketing, explica o historiador Juarez Bonfim: "Divirta-se no Pelourinho, descanse no Santo Antônio". Aqui e ali, apareceram pousadas.

A história do bairro até sua atual virada em centro boêmio e turístico é dividida em fases. Até a década de 80, era habitado pela classe média e as manifestações culturais eram pontuais e, em geral, religiosas.

No entanto, sempre teve vocação carnavalesca. Foi lá que surgiu, em 1962, o bloco Os Internacionais, hoje conhecido como Inter, e, dois



Correio 40 anos Reportagem conta história do tratorista que virou herói em bairro da capital

PÁG. 14

Saúde Especialistas apontam riscos de usar biquíni ou sunga molhada por muito tempo

PÁG. 12



ARISSON MARINHO



“As pessoas vêm pela muvuca, porque tá todo mundo vindo. Mas o Santo Antônio é bucólico” **Maria Maranhão, 60**

Artista e moradora do Santo Antônio comenta mudanças no bairro

anos depois, o Corujas, Sonia Silva, 72, moradora dali há mais de 50 anos, acompanhou as transformações.

“Não costumo ver o pessoal que mora aqui mesmo nas coisas daqui. Algumas coisas eu nem sei quando vão acontecer”, comenta. Nos anos 90, a consolidação do axé enfraquece as fanfarras dos bairros. A valorização do Corredor da Vitória carrega os moradores mais abastados do Santo Antônio, que passa por uma queda. De todo modo, não era um lugar turístico, mesmo com casarões e igrejas centenários. Concluída parte das intervenções do Pelourinho, a partir de 2000, muita coisa muda.

O ENCONTRO

A família árabe Miguel está no Santo Antônio há 116 anos. Na esquina com a Rua Direita, mantém o Bar do Lula, construído há 45. Os frequentadores, até os anos 2000, eram vizinhos e funcionários de empresas do Centro. “Era mais vazio, encheu bastante”, comemora Rita Miguel, 52, uma das administradoras. São clientes de toda Salvador. Proprietários de bares e pousadas comemoram.

Por ali, o Bar da Cruz do Pascoal é um dos mais lotados. “Acredito que seja pela beleza e tranquilidade do local”, opina Antônio Corujeira sobre os possíveis atrativos locais. Quando comprou a Pousada Beija Flor, em 2013, Nilton Ribeiro, 66, comemorou a popularização. “O Santo Antônio tem uma boemia, uma afetividade que cativa. Mas eu não sei o que aconteceu. Melhorou principalmente na última Copa (2018)”, acredita Nilton.

A Associação Brasileira da Indústria de Hotéis na Bahia (Abih) não tem números sobre a ocupação. A questão, acredita Nivaldo Andrade, é menos sobre ocupação e “mais sobre a quem pertence o lugar”. No dia 17, moradores lançaram um abaixo-assinado para questionar grandes eventos no local.

Gestora da Diretoria do Centro Histórico, vinculada à prefeitura de Salvador, Eliana Pedrosa diz: “A palavra-chave é equilíbrio. Tentar encontrar a melhor medida entre quem quer muita festa e quem não quer festa nenhuma. [...] Os gestores públicos estão atentos a isso”. A realização de eventos precisa ter aval da Central Integrada de Licenciamento de Eventos, subordinada à Secretaria Municipal de Trabalho, Esportes e Lazer (Semtel), com suporte de outros órgãos.

O limite de som, das 22h às 7h, é de 60 decibéis, segundo a Semop. O Iphan avalia, anualmente, estruturas provisórias e montagens de palco. Autua depois caso ocorra alguma irregularidade no processo.

A professora Carla Rúbia, 51, moradora do bairro desde a infância, contemporiza: “Os moradores estão divididos. No final, acho o seguinte: não somos donos do bairro”. O padre Ronaldo também tenta equilibrar. “As pessoas têm medo que o clima tranquilo se perca. Não vejo assim, se for ser organizado”, diz. Na reunião, apelará ao padroeiro da igreja. Quem sabe, o Santo Antônio de 1970 e o de 2019 poderão, enfim, conviver em clima de paz.

COM SUPERVISÃO DO CHEFE DE REPORTAGEM JORGE GAUTHIER

“Quando eu era menina? Outra coisa, vizinho conversando. É animado e tudo, mas alegra a gente” **Sônia Silva, 72**

Aposentada já vive no bairro há 50 anos e acompanhou as fases da sua história recente

Casarões do bairro valem milhões de reais

A compra de 35 imóveis pela empresária e filha do fundador do Shopping da Bahia Luciana Rique, em 2007, na intenção de construir um shopping a céu aberto, cria uma especulação imobiliária no bairro. Pouco depois, ela desistiu da ideia.

“Houve uma valorização muito grande. Fiz um levantamento, nos anos 2000, e em pouquíssimo tempo, vimos que tinham surgido 15 pousadas naquela área”, conta o arquiteto e presidente do Instituto de Arquitetos da Bahia Nivaldo Andrade.

Nos últimos 10 anos, calculou a Junta Comercial do Estado da Bahia, foram cinco pousadas abertas no bairro. O número, claro, pode ser maior, já que os CEPs especificados podem ser diferentes. A investida sobre o Santo Antônio, se vista pelo número de visitantes, é tão perceptível quanto nas placas de “Vende-se” pregadas nos casarões da rua.

A casa nº 70, com vista para a Baía de Todos-os-Santos, tem, abaixo de uma das janelas, o anúncio de venda. “Sempre gostei foi da localização daqui. Mas a casa é gigantesca (tem cinco quartos), até para reformar é difícil”, explica o autônomo Mário Santana Vieira, 62, há 50 anos no Santo Antônio. Os custos de uma reforma podem ser elevados.

A vista e valorização do bairro passam a atrair, então, moradores mais abastados. Uma casa virada para a baía, com 15 suítes, chega a custar mais de R\$ 2 milhões. O aluguel costuma variar de R\$ 1,5 mil a R\$ 3 mil.

A apresentadora Regina Casé, por exemplo, comprou dois casarões vizinhos, onde costuma veranear no bairro.

O ator baiano Fabrício Boliveira, recentemente no ar com o personagem Roberival, na novela Segundo Sol, gravada em Salvador, também comprou uma casa no bairro recentemente. Por falar em novela, muitos chegam além do Carmo por causa dela. “Já sabia que queria conhecer o Pelourinho, aí vi esse lugar e achei tão lindo, colorido. Tive que colocar na lista”, conta a turista de São Paulo Núbia Santos, 41, que se encantou pelo bairro.

NA MEMÓRIA

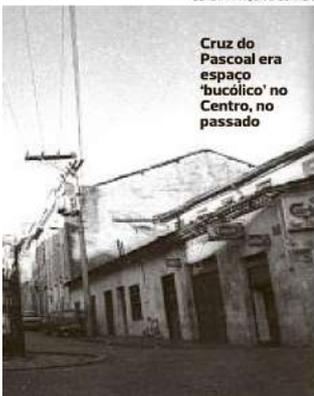
1 1898
CRIAÇÃO DO AFDXE IMPÉRIO DA ÁFRICA, NA RUA DIREITA DE SANTO ANTÔNIO. CIRCULAVA ENTRE A CRUZ DO PASCOAL, DESCIA A LADEIRA DO CARMO E SEGUIA ATÉ A RUA CHILE.

2 1962
É CRIADO OS INTERNACIONAIS, BLOCO. ATÉ ENTÃO, COMPOSTO SO POR HOMENS. HOJE, É CONHECIDO SOMENTE COMO INTER. PELO QUAL JÁ PASSARAM DANIELA MERCURY, CHICLETE COM BANANA E ASA DE ÁGUA.

3 1964
CRIAÇÃO DO BLOCO CORUJAS. O GRUPO SE REUNIA NA ESCADARIA DA IGREJA DO BOQUEIRÃO E DESFILAVA COM FANTASIAS DE ARQUEIROS DO REI E EVIDENCIANDO A BATERIA. SE TORNOU ‘RIVAL’ DOS INTERNACIONAIS

4 1992
INÍCIO DA INTERVENÇÕES NO PELOURINHO COMEÇA A ATRAIR TURISTAS PARA O SANTO ANTÔNIO ALEM DO CARMO. O ESTÍMULO À VIDA CULTURAL NO PELOURINHO FEZ SURGIR A CAMPANHA: ‘DIVIRTA-SE NO PELOURINHO. DESCANSE NO CARMO’

5 2011
CRIAÇÃO DO BLOCO DE HOJE A OITO. QUE PROPÕE UM CARNAVAL SEM CORDAS, COM FANFARRAS E FANTASIAS PELAS RUAS DO CARMO. O BLOCO FOI CRIADO POR MORADORES DO PRÓPRIO BAIRRO.



BERETA/ARQUIVO CORREIO

Cruz do Pascoal era espaço ‘bucólico’ no Centro, no passado

“Se o Imbuí tivesse na moda, o movimento (de ida) seria igual. Nesse momento, é o Santo Antônio que é ‘da moda’” **Nilvado Andrade**

Arquiteto e presidente do Instituto de Arquitetos da Bahia comenta popularização do Carmo